

# Predicados complexos com verbos causativos e perceptivos do português europeu

*Anabela Gonçalves*

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

## 1. Introdução

Em certas línguas românicas, como o Português europeu (PE), os verbos perceptivos e os verbos causativos podem ocorrer em contextos sintácticos idênticos, o que tem levado alguns autores a sugerir que os referidos verbos partilham propriedades sintácticas, devendo, por isso, ser incluídos numa mesma classe (cf. Kayne 1975, Raposo 1981, Burzio 1986, Guasti 1993, 1997, entre outros). Com efeito, em construções bi-oracionais, os verbos em questão podem co-ocorrer quer com complementos finitos (cf. (1) e (2)) quer com complementos infinitivos e Sujeito acusativo (cf. (3) e (4)):<sup>1</sup>

### (i) Complementos finitos

- (1) O Pedro viu que a Maria tinha lavado o carro.
- (2) O Pedro mandou que a Maria lavasse o carro.

### (ii) Complementos infinitivos e Sujeito acusativo

- (3) a. O Pedro viu a Maria lavar o carro.  
b. O Pedro viu-a lavar o carro.
- (4) a. O Pedro mandou a Maria lavar o carro.  
b. O Pedro mandou-a lavar o carro.

A semelhança entre verbos perceptivos e verbos causativos é ainda evidente numa construção em que se verifica (i) adjacência entre os dois verbos envolvidos e (ii) ocorrência do Sujeito do domínio infinitivo em posição pós-sequência verbal.

---

<sup>1</sup> Os verbos perceptivos podem ainda subcategorizar complementos gerundivos ou, no caso do PE, infinitivos introduzidos pela preposição *a* e com Sujeito acusativo:

- (i) a. Vi a Maria {saindo/a sair} do cinema.
- b. Vi-a {saindo/a sair} do cinema.

A construção (infinitiva) gerundiva não será objecto de análise, por se encontrar para além dos objectivos desta comunicação. Sobre esta construção em PE, ver Duarte (1993).

Nesta construção, classicamente designada como *fazer-Inf* (ou União de Orações), os dois verbos comportam-se como uma unidade estrutural face a determinados processos (e.g., Subida de Clítico e negação frásica). Em (5) apresentam-se exemplos que ilustram esta construção:

- (5) a. O treinador mandou correr os jogadores do Benfica.  
b. O João viu correr os jogadores do Benfica.

Se exemplos como (5b), em que o verbo encaixado é um verbo de um lugar, não são problemáticos para a maioria dos falantes, o mesmo não acontece se o domínio infinitivo integrar um verbo de dois lugares, transitivo. Com efeito, para alguns falantes, a construção *fazer-Inf* em contextos de verbos perceptivos produz um resultado marginal ou até agramatical se o verbo encaixado for transitivo, restrição que não se verifica no contexto de verbos causativos:<sup>2</sup>

- (6) a. ??/\*O João viu lavar o carro à Maria.  
b. O João mandou lavar o carro à Maria.

O contraste entre verbos perceptivos e verbos causativos torna-se mais acentuado quando o constituinte preposicionado de (6a, b) é cliticizado:

- (7) a. \*O João viu-lhe lavar o carro.  
b. O João mandou-lhe lavar o carro.

Nesta comunicação, pretendo:

- (i) demonstrar que, em PE, quer os verbos causativos quer os verbos perceptivos podem desencadear a formação de predicados complexos do tipo *fazer-Inf*;  
(ii) mostrar que as diferenças de comportamento entre os verbos causativos e os verbos perceptivos na construção *fazer-Inf* são determinadas pelas propriedades de selecção semântica dos referidos verbos.

A proposta central é a que abaixo se apresenta:

A marcação temática dos argumentos internos na construção *fazer-Inf* é também da responsabilidade do verbo matriz (causativo ou perceptivo), pelo que só é possível a ocorrência de um Alvo (como em (6)) se, em frases simples, esse verbo seleccionar um argumento com o papel temático referido, em conformidade com o Princípio de Isomorfia de Bordelois (1974, 1988).

<sup>2</sup> Para juízos de gramaticalidade diferentes dos que aqui se apresentam relativamente à construção com verbos perceptivos, veja-se Raposo (1981).

A análise será desenvolvida no programa de investigação da Teoria dos Princípios e Parâmetros, mais especificamente no quadro do Programa Minimalista (Chomsky 1993, 1995).

## 2. Comportamento dos verbos causativos e dos verbos perceptivos na construção *fazer-Inf*

Considerem-se, de novo, as frases de (5), repetidas em (8) e (9):

(8) O treinador mandou correr os atletas do Benfica.

(9) O João viu correr os atletas do Benfica.

Estas frases partilham um conjunto significativo de propriedades sintácticas. Em primeiro lugar, a ordenação dos constituintes é idêntica: os verbos ocorrem em adjacência, ocupando o constituinte tradicionalmente designado como Sujeito do domínio encaixado a posição pós-sequência verbal.

Em segundo lugar, o domínio infinitivo seleccionado pelos verbos *mandar* e *ver* é, em ambos os casos, defectivo no que diz respeito à sua estrutura funcional. De facto, não existindo evidência empírica para a ocorrência de certos núcleos funcionais, estes não se projectam, em conformidade com o princípio de economia das representações (cf. Chomsky 1993, 1995, 1998; Grimshaw 1993; Safir 1993; Bošković 1997; Costa 1998; Gonçalves 1999; Costa & Gonçalves 1999, entre outros). Assim,

(i) **C não se projecta**, assumindo, sem discutir, que o movimento Q- internamente ao domínio infinitivo produz um resultado agramatical, como se pode observar em (10c) e (11c):

- (10) a. O treinador mandou correr os jogadores do Benfica quando?
- b. Quando é que o treinador mandou correr os jogadores do Benfica?
- c. \*O treinador mandou quando correr os jogadores do Benfica?
- (11) a. O João viu correr os jogadores do Benfica quando?
- b. Quando é que o João viu correr os jogadores do Benfica?
- c. \*O João viu quando correr os jogadores do Benfica?

Este argumento pode ser enfraquecido se se considerar que o problema não reside no facto de C não se projectar no domínio infinitivo, mas de este núcleo não ter os traços Q- adequados para a legitimação do sintagma Q-. No entanto, é de notar que, no domínio infinitivo seleccionado por verbos como *saber*, o movimento Q- interno a esse domínio é possível (ver (12)), não se verificando defectividade funcional, já que, ao contrário do que acontece em construções com os verbos em

análise neste trabalho, é possível a ocorrência do marcador de negação frásica (ver (13)) e de clíticos dependentes do verbo encaixado (ver (14)).

- (12) Os terroristas sabem quando atacar as vítimas.  
 (13) a. Os terroristas sabem quando não atacar as vítimas.  
       b. \*O João {mandou/viu} não correr os atletas do Benfica.  
 (14) a. Os terroristas sabem quando atacá-las.  
       b. \*O João {mandou/viu} corrê-los.  
       c. O João {mandou-os/viu-os} correr.

(ii) **AgrS não se projecta**, uma vez que a ocorrência de um Infinitivo flexionado e/ou a ocorrência de uma forma pronominal nominativa no domínio infinitivo dão origem a sequências agramaticais:

- (15) a. \*O treinador mandou correrem os atletas do Benfica.  
       b. \*O João viu correrem os atletas do Benfica.  
 (16) a. \*O treinador mandou correrem eles.  
       b. \*O João viu correrem eles.

Como se pode observar em (17), domínios infinitivos dependentes de outros verbos podem integrar AgrS, caso em que se verifica a ocorrência de Infinitivo flexionado e de formas pronominais nominativas:

- (17) a. O João disse terem os pais apreciado o filme do Woody Allen.  
       b. O João disse terem eles apreciado o filme do Woody Allen.

(iii) **T não se projecta**, uma vez que, no domínio infinitivo, não pode ocorrer o marcador de negação frásica (cf. (18)) nem o auxiliar perfectivo *ter* (cf. (19)):<sup>3</sup>

- (18) a. \*O João mandou não correr o Pedro.  
       b. \*O João viu não correr o Pedro.  
 (19) a. \*O Pedro mandou ter corrido os meninos.  
       b. \*O Pedro viu ter corrido os meninos.

(iv) **AgrO não se projecta**, dado que os clíticos (acusativos) não legitimam os seus traços casuais no domínio infinitivo, ocorrendo em adjacência ao verbo matriz:<sup>4</sup>

<sup>3</sup> Estou aqui a ter em conta análises recentes, de acordo com as quais o marcador de negação frásica e o auxiliar perfectivo estão dependentes da projecção do núcleo T. Para o primeiro fenómeno, vejam-se Matos (1999) e Zanuttini (1996), Para o segundo, consulte-se Duarte (1993).

<sup>4</sup> Como é sabido, na literatura sobre o assunto, não é unânime que AgrO seja o local de poiso dos clíticos. Estou aqui a assumir, sem a discutir, a hipótese de Duarte & Matos (2000). O argumento não fica enfraquecido, visto que o domínio infinitivo dependente dos verbos aqui analisados é defectivo

- (20) a. O João mandou-os correr.  
 b. \*O João mandou corrê-los.  
 (21) a. O João viu-os correr.  
 b. \*O João viu corrê-los.<sup>5</sup>

Embora partilhem propriedades sintácticas, como acima demonstrei, os verbos causativos e os perceptivos apresentam, na construção em análise, comportamentos que os distinguem. A primeira das diferenças reside na já referida restrição sobre a formação de predicados complexos com verbos perceptivos, que não se verifica em contextos de verbos causativos. Efectivamente, como mostrei nos exemplos (5) e (6), repetidos em (22) e (23), a formação de um predicado complexo perceptivo, mas não a de um predicado complexo causativo, parece ser limitada pela classe sintáctica a que pertence o verbo encaixado:

- (22) a. O treinador mandou correr os jogadores do Benfica.  
 b. O João viu correr os jogadores do Benfica.  
 (23) a. ??/\*O João viu lavar o carro à Maria.  
 b. O João mandou lavar o carro à Maria.

A restrição ilustrada em (23) encontra-se directamente relacionada com o segundo aspecto que diferencia os verbos em análise e que reside no facto de mesmo os falantes que aceitam (marginalmente) (23a) considerarem agramatical a sequência em que o argumento preposicionado é cliticizado. Contudo, a cliticização do mesmo argumento em (23b) é unanimemente aceite. Este contraste encontra-se ilustrado em (24):

- (24) a. \*O João viu-lhe lavar o carro.  
 b. O João mandou-lhe lavar o carro.

Finalmente, em estruturas simples, os verbos em análise apresentam grelhas temáticas diferentes.<sup>6</sup> Assim, os primeiros são tipicamente verbos de dois lugares, com um argumento interno nominal Tema:

- (25) a. O João viu *a Maria*.  
 b. O João viu os filmes *à Maria*.

---

quanto ao núcleo que legitima os clíticos, qualquer que ele seja.

<sup>5</sup> No dialecto de Vila Real de Santo António, são possíveis sequências do tipo de (21b) (Telmo Mória, c. p.).

<sup>6</sup> Em frases simples, os verbos *mandar*, *deixar* e *fazer* não têm uma interpretação causativa mas são verbos de transferência, como acontece também quando esses verbos ocorrem na construção causativa. Daí que os consideremos nesta argumentação.

Por seu turno, verbos como *mandar*, *deixar* e *fazer* são verbos de três lugares, sendo os dois argumentos internos interpretados como Tema e Alvo:

- (26) a. O João mandou **uma encomenda** à *Maria*.  
 b. O João deixou **uma fortuna** aos seus *herdeiros*.  
 c. A costureira fez **um belo vestido** à *Ana*.

Note-se que, na construção *fazer-Inf*, o PP é, também ele, interpretado como Alvo da sequência encabeçada pelo verbo causativo, sendo, por isso, impossível a co-ocorrência deste argumento com um Alvo (básico) do verbo encaixado (cf. Gonçalves 1999):

- (27) \*O João mandou dar um presente ao Pedro à Ana..

### 3. Formação de predicados complexos com verbos causativos e perceptivos

#### 3.1. Primeiras hipóteses

Tendo em conta os dados até aqui apresentados, é possível colocar a seguinte hipótese:

(28)

Os verbos perceptivos do PE, ao contrário dos verbos causativos, não desencadeiam a formação de predicados complexos.

De acordo com esta hipótese, a sequência verbal de (29) não tem propriedades de predicado complexo, pertencendo cada um dos verbos a domínios distintos:

- (29) O João viu correr os atletas do Benfica.

Note-se, porém, que, para esta hipótese ser válida, o constituinte *os atletas do Benfica* tem de ser analisado como Sujeito encaixado e, por ocorrer em posição pós-verbal, é interpretado como Foco (cf. Duarte 1997, Costa 1998). Ora, os dados apresentados em (30) e (31) parecem invalidar uma análise deste tipo, uma vez que uma frase como (29) pode constituir resposta quer a uma pergunta como (30a), caso em que o constituinte em causa é interpretado como Foco, quer a uma pergunta como (31a), em que essa interpretação não é obtida:

- (30) a. Quem é que o João viu correr?  
 b. O João viu correr os atletas do Benfica.  
 (31) a. O que é que aconteceu?  
 b. O João viu correr os atletas do Benfica.

Em segundo lugar, a hipótese anteriormente colocada é infirmada por dados que mostram que sequências verbais como a de (29) manifestam, de facto, propriedades de predicado complexo, comportando-se como uma unidade estrutural. Assim,

(i) O marcador de negação frásica não pode ocorrer no domínio infinitivo:

(32) \*O João viu não correr os atletas do Benfica.

(ii) É possível Movimento Longo de Objecto (cf. Rizzi 1982), caso em que Tema do verbo encaixado ocupa a posição de Sujeito do domínio matriz:

(33) (?)Na reportagem, viram-se sair muitos meninos do local do acidente.<sup>7</sup>

(iii) Os clíticos correspondentes a argumentos básicos do verbo encaixado sobem obrigatoriamente para o domínio matriz (fenómeno conhecido como Subida de Clítico), ocupando uma posição de adjacência ao verbo perceptivo

(34) a. O João viu-os correr.  
b. \*O João viu corrê-los.

Uma vez que os dados apresentados indicam que os verbos perceptivos podem, como os causativos, desencadear a formação de um predicado complexo, pode-se colocar a hipótes apresentada em (35), alternativa a (28):

(35)

Para a formação de um predicado complexo, é determinante a classe sintáctica a que pertence o verbo encaixado.

Esta hipótese é naturalmente infirmada pelo facto de a classe sintáctica do verbo encaixado (transitivo/não transitivo) não ser condição para a formação de outros predicados complexos do PE, de que são exemplos os que resultam de Reestruturação e de *fazer-Inf* com verbos causativos. Seria, assim, introduzida uma especificidade indesejável, uma vez que os efeitos resultantes da formação de predicados complexos perceptivos (cf. (32)-(34)) são, no essencial, idênticos aos que se obtêm com a formação dos outros predicados.

<sup>7</sup> Para a ilustração deste fenómeno, o exemplo foi alterado, passando o domínio infinitivo a incorporar um verbo inacusativo, cujo argumento interno corresponde ao Tema.

### 3.2. O Princípio de Isomorfia e a restrição sobre a formação de predicados complexos com verbos perceptivos em PE

Na secção anterior, mostrei que (i) os verbos perceptivos, tal como os causativos, desencadeiam a formação de predicados complexos e (ii) a classe sintáctica a que pertence o verbo encaixado não é uma condição necessária para a formação/não formação de predicados complexos. Para além disso, os exemplos apresentados em (25) e (26) permitem-nos afirmar que, em frases simples, os verbos em análise apresentam propriedades de selecção distintas. Assim, a hipótese que testarei nesta secção é a que enuncio em (36):

(36)

A formação de predicados complexos do tipo *fazer-Inf* é condicionada pelas propriedades temáticas do verbo matriz.

De acordo com esta hipótese, a marcação temática dos argumentos internos na construção *fazer-Inf* é também da responsabilidade do verbo matriz (causativo ou perceptivo). Desta forma, só é possível a ocorrência de um Tema (como em (37)) ou de um Alvo (como em (38)) se, em frases simples, os verbos em questão seleccionarem um argumento com o papel temático referido, em conformidade com o Princípio de Isomorfia de Bordelois (1974, 1988), enunciado em (39).

(37) a. O treinador mandou correr **os atletas do Benfica**.

b. O João viu correr **os atletas do Benfica**.

(38) a. O João mandou comer a sopa **aos meninos**.

b. \*O João viu comer a sopa **aos meninos**.

(39) Princípio de Isomorfia

O número de argumentos (e respectivos papéis temáticos) de um verbo em estruturas complexas corresponde ao número de argumentos (e respectivos papéis temáticos) do mesmo verbo em estruturas simples.

O Princípio de Isomorfia deverá dar conta quer da identidade de comportamentos ilustrada em (37) quer da diferença registada em (38). Note-se que, em frases simples, os verbos causativos e os perceptivos seleccionam um diferente número de argumentos (ver (40) e (41)), diferença essa que, de acordo com o referido princípio, se mantém em estruturas complexas. Assim,

(a) *mandar, deixar e fazer*, em contextos em que o Tema é de natureza nominal podem co-ocorrer com um argumento a que corresponde o papel temático de Alvo/Beneficiário:

(40) a. O João mandou um postal **à Maria**.

b. O João deixou uma grande fortuna **aos herdeiros**.

c. A costureira fez um belo vestido **à Ana**.

(Gonçalves 1999: 457; (242))



(b) *ouvir*, *ver* e *sentir*, em contextos em que o Tema é nominal, não permitem a ocorrência de um argumento Alvo/Beneficiário:

- (41) a. \*O João viu os filmes à Ana.  
 b. \*O João ouviu músicas à Ana.  
 c. \*O João sentiu uma grande angústia ao Pedro.

(Gonçalves 1999: 457; (243))

### 3.3. Formação de predicados complexos com verbos causativos

Os dados apresentados na secção anterior permitem validar a hipótese (36). Efectivamente, as diferenças que se registam entre os verbos causativos e os perceptivos na construção *fazer-Inf* não decorrem nem da impossibilidade de formação de predicados complexos perceptivos nem das propriedades sintácticas do verbo encaixado, mas sim das propriedades temáticas do verbo matriz (causativo ou perceptivo). Nesta secção, apresentarei a análise de Gonçalves (1999) relativamente à construção *fazer-Inf* em contextos de verbos causativos.

Como mostrei na secção 2, o domínio infinitivo seleccionado pelos verbos causativos, na construção *fazer-Inf*, é defectivo no sentido em que não se projectam os núcleos C, T, AgrS e AgrO (ou outro núcleo que verifique os traços formais do Objecto). A este propósito, revejam-se os dados apresentados em (10), (11), (15), (16), (18), (19), (20) e (21). No entanto, como proposto em Gonçalves (1999), o complemento infinitivo não é uma simples projecção de V (encaixado), integrando, antes, um afixo lexicalmente nulo que incausativiza o verbo encaixado, ou seja, suspende a capacidade de atribuição do papel temático externo. O argumento em favor desta análise consiste, essencialmente, na impossibilidade de se verificarem no domínio infinitivo outros processos sintácticos que tenham a mesma função do afixo referido (e. g., passiva (ver (42)) e *se* inergativo (ver (43))):<sup>8</sup>

(42) \*O professor mandou ser lido o livro pelos meninos.

(43) \*Os soldados mandaram-se dispersar (mandaram dispersar-se os manifestantes).

Dada a projecção do afixo anteriormente mencionado, o causado não é o Sujeito do complemento infinitivo, correspondendo antes a um argumento internalizado em virtude do afixo nulo (Gonçalves 1999, 2000). Desta forma, corresponde-lhe o papel temático de Tema, no contexto de um verbo de um lugar, ou de Alvo, no contexto de um verbo de dois lugares. Note-se que, se assim for, a agramaticalidade de sequências como (44) deriva de forma natural, visto que, nessa sequência, ocorrem duas expressões candidatas ao papel temático de Alvo: o argumento inter-

<sup>8</sup> Esta impossibilidade é correctamente predita pelo Princípio de não Redundância Morfológica, de Zubizarreta (1985: 278), de acordo com o qual a junção de morfologia redundante é proibida.

no básico do verbo encaixado, *ao Pedro*, e o argumento externo do mesmo verbo, internalizado em virtude do afixo em questão, *ao João*.

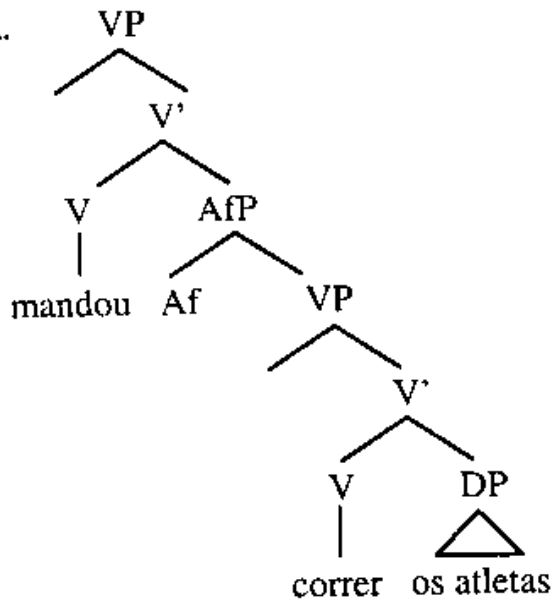
(44) \*O professor mandou entregar o livro *ao Pedro ao João*.

As representações correspondentes a (45) são as que se apresentam em (46):

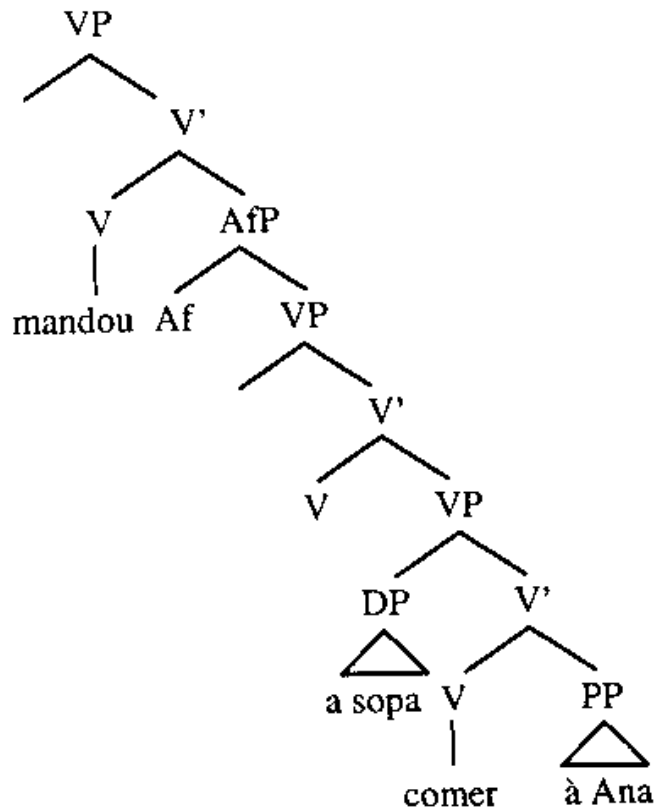
(45) a. O treinador mandou correr *os atletas*.

b. O João mandou comer a sopa *à Ana*.

(46) a.



b.



Dado que o domínio encaixado não integra a projecção do núcleo T, o verbo encaixado sobe para o domínio matriz, a fim de verificar os seus traços de natureza temporal, obtendo-se, deste modo, os efeitos de predicado complexo. A formação de um núcleo verbal complexo tem efeitos quer a nível da estrutura sintáctica quer a nível da estrutura temática, já que as relações semânticas se estabelecem com este núcleo verbal complexo e não com cada um dos verbos de forma independente.

### 3.4. Formação de predicados complexos com verbos perceptivos

Como demonstrado em 3.1, os verbos perceptivos podem, como os causativos, desencadear a formação de um predicado complexo. Assim, se o domínio encaixado integrar um verbo de um lugar, o predicado complexo é formado como acima se propõe, sendo a representação da frase no essencial idêntica à que se apresenta em (46a). No entanto, a formação de predicados complexos perceptivos é bloqueada quando o verbo encaixado é um verbo de dois lugares, transitivo. Recordem-se, a título ilustrativo, os exemplos (6a) e (7a), repetidos em (47):

- (47) a. ??/\*O João viu lavar o carro à Maria.  
 b. \*O João viu-lhe lavar o carro.

Não existindo evidência empírica contra a formação de predicados complexos perceptivos (ver secção 3.1), considere-se que a agramaticalidade de (47) decorre de aspectos que estão associados à marcação temática dos argumentos. Assim, partindo de exemplos como (41), repetidos em (48), mostrei que os verbos perceptivos do PE são verbos de dois lugares, nunca seleccionando um Alvo/Beneficiário:

- (48) a. \*O João viu os filmes à Ana.  
 b. \*O João ouviu músicas à Ana.  
 c. \*O João sentiu uma grande angústia ao Pedro.

Tendo em conta que o número de argumentos (e respectivos papéis temáticos) de um verbo em estruturas complexas corresponde ao número de argumentos (e respectivos papéis temáticos) do mesmo verbo em estruturas simples (Princípio de Isomorfia), a hipótese que defendi foi a de que, em (47), a expressão *à Maria* não pode verificar o papel temático de Alvo, não disponível na grelha temática do verbo que encabeça o complexo verbal – o verbo perceptivo.

O processo de formação dos predicados complexos perceptivos e dos predicados complexos causativos é, portanto, idêntico, consistindo, essencialmente na incausativização do verbo encaixado. Assim, se o verbo encaixado for um verbo transitivo, o argumento externo é internalizado, correspondendo-lhe o papel temático de Alvo.<sup>9</sup> Nestas condições,

<sup>9</sup> Para além do facto de a construção *fazer-Inf* estar limitada aos contextos em que o verbo encaixado

(i) se o verbo matriz for um verbo causativo, a formação do predicado complexo é possível já que este verbo tem disponível na sua grelha temática o referido papel temático (cf. (40) e (45b));

(ii) se o verbo matriz for um verbo perceptivo, a formação do predicado complexo é bloqueada, visto que o papel temático em causa não se encontra disponível na grelha temática daquele verbo (cf. (47) e (48)).

#### 4. Conclusões

O objectivo desta comunicação era o de demonstrar que, em PE, quer os verbos causativos quer os verbos perceptivos podem desencadear a formação de predicados complexos do tipo *fazer-Inf*, sendo as diferenças determinadas pelas propriedades de selecção semântica dos referidos verbos. Da análise proposta, pode-se concluir que:

(i) Em PE, tanto os verbos perceptivos como os verbos causativos podem desencadear a formação de um predicado complexo do tipo *fazer-Inf*.

(ii) Na formação de predicados complexos do tipo *fazer-Inf* são determinantes as propriedades de selecção semântica quer do verbo encaixado quer do verbo matriz.

(iii) Do enunciado em (ii) decorre que (a) a formação de predicados complexos com verbos causativos não é restringida, visto que estes verbos seleccionam um argumento Alvo/Beneficiário (mesmo em contextos em que o Tema é nominal), mas (b) a formação de predicados complexos com verbos perceptivos é bloqueada quando o verbo encaixado é transitivo, uma vez que estes verbos não seleccionam um argumento interno Alvo/Beneficiário.

#### Referências

- Bošković, Z. (1997). *The Syntax of Nonfinite Complementation. An Economy Approach*. MIT Press: Cambridge, Mass.
- Bordelois, I. (1974). *The Grammar of Spanish Causative Constructions*. Dissertação de Doutoramento, MIT

---

não selecciona um argumento Alvo/Beneficiário (ver (44)), em sequências como (i) o causado não designa a entidade que controla o processo, mas a entidade que é afectada pelo estado-de-coisas descrito pelo complexo verbal:

(i) O João mandou comer a sopa aos meninos.

Note-se que uma continuação possível de (i) seria (ii):

(ii) ... mas eles (=os meninos) não comeram.

O mesmo não acontece se o constituinte *os meninos* corresponder, efectivamente, ao argumento externo do verbo *comer*:

(iii) \*Os meninos comeram a sopa mas eles (=os meninos) não comeram.

- Bordelois, I. (1988). "Causatives: from Lexicon to Syntax". *Natural Language and Linguistic Theory*, 6: 57-93
- Burzio, L. (1986). *Italian Syntax: A Government-Binding Approach*. Kluwer: Dordrecht
- Chomsky, N. (1993). *A Minimalist Program for Linguistic Theory*. In Hale, K. & S. J. Keyser (orgs.). *The View from Building 20*. MIT Press: Cambridge
- Chomsky, N. (1995). "Categories and Transformations". In Chomsky, N. *The Minimalist Program*. MIT Press: Cambridge, Mass.
- Chomsky, N. (1998). "Minimalist Inquiries: the Framework". *MIT Occasional Papers in Linguistics*, 15
- Costa, J. (1998). *Word Order Variation. A Constraint-Based Approach*. Holland Academic Graphics: Haia. HIL Dissertations
- Costa, J. & A. Gonçalves (1999). "Minimal Projections: Evidence from Defective Constructions in European Portuguese". *Catalan Working Papers in Linguistics*, vol. 7, pp. 59-69
- Duarte, I. (1993). "Complementos Infinitivos Preposicionados e outras Construções Temporalmente Defectivas em Português Europeu". *Actas do VIII Encontro da APL*. PAL: Lisboa
- Duarte, I. (1997). "Ordem de Palavras: Sintaxe e Estrutura Discursiva". In Brito, A. M., F. Oliveira, I. Pires de Lima & R. M. Martelo (orgs.). *Sentido que a Vida Faz. Estudos para Óscar Lopes*. Campo das Letras: Porto
- Duarte, I. & G. Matos (2000). "Romance Clitics and the Minimalist program". In Costa, J. (org.). *Portuguese Syntax. New Comparative Approaches*. OUP: Oxford
- Gonçalves, A. (1999). *Predicados Complexos Verbais em Contextos de Infinitivo não Preposicionado do Português Europeu*. Dissertação de Doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
- Gonçalves, A. (2000). "Propriedades do Causado na Construção fazer-Inf do Português Europeu". *Actas do XV Encontro da APL*. APL: Braga
- Guasti, M. T. (1993). *Causative and Perception Verbs*. Rosenberg & Sellier: Turim
- Guasti, M. T. (1997). "Romance Causatives". In Haegeman, L. (org.). *The New Comparative Syntax*. Longman: N. Iorque
- Kayne, R. (1975). *French Syntax: the Transformational Cycle*. MIT Press: Cambridge, Mass.
- Raposo, E. (1981). *A Construção 'União de Orações' na Gramática do Português*. Dissertação de Doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
- Grimshaw, J. (1993). "Minimal Projection Heads and Optimality". Rutgers Univ. Center for Cognitive Science. Report 4 (publicado em *Linguistic Inquiry* 28-3, 1997)
- Rizzi, L. (1982). *Issues in Italian Syntax*. Foris: Dordrecht
- Safir, K. (1993). "Perception, Selection, and Structural Economy". *Natural Language Semantics*, 2: 47-70